

FILIPPOS, MULHERES E SOLIDARIEDADE

Célia Maria Patriarca Lisbôa

Introdução

Este artigo pretende evidenciar a comunidade de Filipos, ressaltando a participação solidária de mulheres na vida e no ministério do Apóstolo Paulo. Tomamos por base At 16,11-15.40 e Fl 4,10-20. O primeiro texto diz respeito ao momento de fundação da igreja filipense e o segundo é uma carta de Paulo enviada àquela comunidade para compartilhar os seus sofrimentos na prisão.

A igreja de Filipos foi a primeira fundada em solo macedônio. É na casa de uma mulher chamada Lídia que esta se inicia. Uma mulher como outras de seu tempo, que trabalhava para obter o seu sustento e não fazia parte da casa de nenhum homem. Em sua casa exercitava-se um estilo de vida contrário aos costumes do sistema romano, em que vigoravam estruturas de poder e dominação patriarcais. Na casa de Lídia exercitava-se a solidariedade, a comunhão e a participação de pessoas que eram, muitas vezes, desprezadas e humilhadas no âmbito do Império Romano.

Ao resgatar a história de Lídia, considerando o cotidiano, onde a teologia se torna especialmente relevante, buscamos evidenciar experiências de mulheres nos primeiros anos do cristianismo. É na concretude de todos os dias que vivenciamos nossa fé, por isso, quando resgatamos as histórias de vida por detrás do texto, nos aproximamos dele como uma ponte para as nossas vidas e vice-versa.

Contexto sociopolítico

A carta de Paulo aos filipenses foi vivenciada, escrita e transmitida dentro do contexto sociopolítico do Império Romano, o que implica dizer que está intimamente ligada com o processo histórico ao qual se relaciona.

A carta aos filipenses foi concebida durante o período do sistema romano chamado *pax romana*, que dominava sobre todas as pessoas e povos conquistados. Um sistema de dominação patriarcal, em todos os níveis. Tanto a estrutura familiar quanto a política eram patriarcais, isto é, havia sempre a dominação de um homem sobre seus dependentes.

Etimologicamente, a palavra “patriarcado” deriva de duas palavras gregas: *pater*, “pai” e *arché*, “começo” ou “primeiro”; e se refere à forma de organização em que o pai ocupa o primeiro lugar. O patriarcado está intimamente ligado à hierarquia, na qual se ordena a realidade de modo que um grupo seja compreendido como superior ao outro, isto é, o *paterfamilias* é superior a todos os seus subordinados.

A lógica do sistema romano era de subordinação à dominação de um patriarca, que deveria ser livre e proprietário. Socialmente, há divisão de classes, onde a elite é superior ao resto do povo; o cidadão romano é superior ao estrangeiro, o homem livre superior às pessoas escravas, o homem superior à mulher, o pai superior ao filho. Somente os homens ricos e livres tinham o poder da escolha, do voto. Os pobres cumpriam o papel de trabalhar para os ricos, mantendo assim a ordem patriarcal da sociedade.

O Estado romano foi organizado e dirigido em analogia à casa patriarcal, cuja célula-base era a procriação e o domínio paterno. Neste sentido, a mulher tinha o papel de esposa, que gerava filhos legítimos como herdeiros, com o fim último de manter o Estado. De modo geral, ela não podia ser proprietária ou herdeira, mas vivia na casa patriarcal como um componente que deveria receber comida e proteção.

Entretanto, a lei romana e, provavelmente, o costume judeu-helenista, permitia às mulheres a posse e administração de suas próprias casas e propriedades, à semelhança de um *paterfamilias*. Deste modo, mulheres greco-romanas de classe superior e aquelas de classe inferior, que acumulavam riqueza através do comércio, podiam romper com os padrões patriarcais do sistema romano. Essas mulheres eram ativas em finanças, negócios e comércio e podiam tornar-se patrocinadoras, ganhando reconhecimento e honras públicas em troca de sua benevolência.

O movimento missionário cristão não era estruturado segundo a casa familiar patriarcal romana. A igreja doméstica encontrou novas maneiras de vida comunitária, fornecendo oportunidades iguais para todos. Homens e mulheres ricos podiam juntar-se às comunidades cristãs e tornarem-se patrocinadores do movimento cristão, tornando-se influentes. Entretanto, não recebiam nenhuma honra na comunidade em troca de seu patrocínio. Mulheres que eram marginalizadas na sociedade romana fundavam igrejas domésticas e desenvolviam liderança, ganhando nova dignidade e novo status, influência, autoridade religiosa e elevada autoestima individual.

A Igreja, no início do cristianismo, era uma associação de iguais. Lugar de partilha social e eucarística, onde se pregava as boas-novas de salvação e transformação. Neste sentido, homens e mulheres, ricos e pobres, livres e escravos podiam conviver juntos, em comunhão. Igualmente, mulheres podiam exercer a liderança nas comunidades. A casa era o lugar de reunião e organização da vida comunitária. Lugar de resistência à ideologia do sistema dominante e, por isso, subversiva.

Origem da comunidade cristã em Filipos

Filipos era a principal cidade da Macedônia e funcionava como colônia romana. Esta cidade era administrada diretamente por Roma e era habitada, principalmente, por veteranos que haviam servido no exército romano. Uma colônia romana era uma pequena réplica de Roma, principalmente quanto ao exercício das leis. Os judeus dessa região se reuniam para os cultos sabáticos, às margens do rio, que desemboca junto ao mar da cidade. Isto se explica, em parte, por causa dos ritos culturais de purificação, mas também porque as religiões não romanas, que atritavam com os costumes roma-

nos, eram obrigadas a construir seus templos fora do perímetro urbano. Muitas sinagogas dos judeus eram erigidas à beira dos rios.

A fundação da comunidade cristã de Filipos aconteceu durante a segunda viagem missionária de Paulo (cerca do ano 50), que foi acompanhado de Silas, Timóteo e Lucas (At 16,10.11-15.40). Os apóstolos encontraram um grupo de mulheres judias reunidas, em um “lugar de oração” (*proseuché*)¹, próximo às águas. A total ausência de homens sugere que não havia qualquer sinagoga formal. É possível que a cena narrada não tenha se desenrolado ao ar livre, mas em um edifício, ainda que não fosse uma sinagoga oficial.

Muitos comentaristas defendem que as mulheres mencionadas no texto eram judias casadas com gentios ou prosélitas gentias do judaísmo, as quais, em tempos anteriores, tenham estado associadas à sinagoga. Então, quando se mudaram para Filipos, continuaram a adorar a Deus segundo as formas externas do judaísmo. Entretanto, há regras rabínicas que permitem, na ausência de homens, a participação de mulheres e menores de idade nas orações sabáticas². Lídia, mulher “temente a Deus”, estava entre as mulheres reunidas às margens do rio. Ouviu a pregação dos discípulos, se converteu e, depois, os hospedou em sua casa.

Lídia foi batizada junto com os de “sua casa”, prática comum nas primeiras comunidades cristãs, em que a conversão do(a) líder da casa segue a de toda a sua família, criadagem ou grupo de trabalho (At 10,44; 16,31.34; 18,8; 1Cor 1,16). Sua casa se tornou um centro cristão em Filipos. Trata-se da primeira igreja cristã em solo macedônio, hoje território europeu. Uma igreja formada a partir de um grupo de mulheres.

É certo, porém, que homens também passaram a pertencer àquele primeiro núcleo cristão (At 16,40; Fl 4,3.21), o que se deve, em parte, pelo trabalho missionário de Lídia e dos de sua casa. Entretanto, sua casa parece ser uma exceção dentro da estrutura patriarcal dominante do Império Romano, uma vez que não temos nenhuma figura de homem exercendo a função de *paterfamilias*. As relações cotidianas daquela comunidade não se baseavam na dominação, mas na *koinonia*, na “comunhão”, na participação de todos, no amor a Deus e às pessoas.

A carta aos Filipenses evidencia a presença de outras lideranças femininas, além de Lídia. Trata-se de Síntique e Evódia, as quais trabalharam com Paulo em pé de igualdade (Fl 4,2-3). Essas mulheres combateram lado a lado com ele na causa do Evangelho. Paulo valoriza tanto a autoridade delas que teme que o desacordo entre elas possa trazer prejuízos à missão cristã e à comunidade.

1. Existem documentos literários e inscrições que testemunham a existência de um determinado tipo de construção chamado *proseuché*, isto é, um prédio sinagoga construído geralmente fora da cidade. Cf. TAYLOR, William Carey. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. 9. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991, e RICHTER REIMER, Ivoni. *Vida de Mulheres na Sociedade e na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 70-71 (Coleção Mulher Ontem e Hoje).

2. De acordo com o Talmude, é necessária a presença de, no mínimo 10 judeus (minian) para a realização de culto sabático. Na ausência de homens, mulheres e menores de idade podem participar do minian. Cf. RICHTER REIMER, Ivoni, op. cit., p. 71.

Na comunidade de Filipos o cotidiano é visto como um espaço significativo, no qual se articulam histórias de vida, como as de Lídia, suas companheiras de trabalho, Síntique e Evódia, irmãos e irmãs da comunidade. O cotidiano é o lugar onde acontecem as lutas e transformações sociais. Neste contexto, Deus está presente, participando ativamente na vida de seu povo, através da construção dos processos históricos, que promovem mudanças.

A profissão de Lídia

At 16,14 apresenta Lídia como uma *porfirópolis*, que geralmente se traduz como “vendedora de púrpura”. Este é o único lugar, no Novo Testamento, em que este termo grego é encontrado. Entretanto, era usado, com frequência, em outros documentos e inscrições e podia indicar para a produção e tingimento de lãs e roupas.

De acordo com a exegese predominante, a matéria-prima da cor púrpura podia ser obtida pela extração animal e era muito cara, usada principalmente nos mantos reais. Por este motivo, a grande maioria dos comentaristas afirma que Lídia era uma pessoa muito rica.

Entretanto, havia outro jeito mais costumeiro de se obter a cor púrpura, através da extração vegetal de variadas plantas. A extensa pesquisa de Ivoni Richter Reimer sobre os significados do termo *porfirópolis* e seus correlatos na literatura latina antiga pode nos auxiliar na compreensão do ofício de Lídia³.

Lídia provém de Tiatira, cidade famosa por suas tinturarias, localizada na Lídia, um distrito da Ásia Menor. Em Tiatira havia, inclusive, colégios profissionais para tintureiros e tintureiras. Naquela região a cor púrpura era obtida pela extração de vegetais, principalmente de uma planta chamada rúbia. Por isso a púrpura não era tão cara e se tornava mais acessível a todos, inclusive para pessoas escravas. Lídia era um apelido comum dado a pessoas escravas oriundas da região de mesmo nome. Deste modo, a *porfirópolis* Lídia pode ter recebido este nome por causa da sua vinculação com a referida província.

O trabalho de alguns profissionais deste ramo incluía produzir a tinta, tingir roupas e lãs e vendê-las. Era um trabalho complexo, demorado, que geralmente era realizado em grupo. Um trabalho considerado sujo e pesado, realizado pela plebe. Muitas mulheres ex-escravas se associavam para a realização desse ofício. Nessa organização profissional, as pessoas costumavam praticar a mesma religião.

Para alguns, Lídia encabeçava uma família, indicando que era solteira ou viúva. Mas, a expressão “sua casa” não aponta, necessariamente, para uma família, ligada por laços consanguíneos. Era comum encontrar pessoas que se fixavam geralmente nas periferias das cidades, próximo aos rios, uma vez que o trabalho exigia a lavagem de tecidos. Elas moravam juntas e se compreendiam a si mesmas, nesse conjunto,

3. Esta pesquisa se encontra disponível, resumidamente, em RICHTER REIMER, Ivoni, op. cit., p. 73-76.

como uma “casa” (família)⁴. Neste sentido, podemos entender a casa de Lídia como um grupo de pessoas que faziam parte de uma organização profissional. Tintureiras e vendedoras de púrpura que praticavam um trabalho árduo assalariado, o qual era desprezado por muitos por causa dos materiais usados no processo de produção. Partindo dessa premissa, podemos entender por que esse grupo de mulheres estava reunido para uma celebração sabática, fora da cidade (At 16,13).

Lídia, uma mulher com nome de escrava, oriunda da Ásia Menor, produtora e vendedora de púrpura. Uma mulher como outras de seu tempo, que viviam nas periferias das cidades, por causa do trabalho sujo que realizavam. Pessoas escravas, no passado. Agora, libertas, dignificadas pelo trabalho.

Para nós, é de suma importância evidenciar mulheres que trabalhavam para garantir o seu sustento, já no primeiro século da Era Cristã. Trabalho duro e desvalorizado. Mulheres que não viviam sob a proteção de um homem, mas existiam de modo independente do poder masculino. Mulheres que inventaram e aprenderam a resistência à opressão em busca de suas necessidades básicas.

A verdade é que, tanto no passado quanto no presente, mulheres têm trabalhado e contribuído de modo efetivo para a economia global da sociedade.

Solidariedade

A igreja em Filipos tinha características muito especiais: era solidária, acolhedora e amável. Na carta aos filipenses, Paulo demonstra claramente a sua gratidão à comunidade por se fazer presente em suas tribulações. São inúmeras as manifestações de afeto do apóstolo para a comunidade, apesar das situações de conflito e sofrimento pelas quais estava passando (Fl 1,3-11; 2,12; 4,1).

Não era a primeira vez que a comunidade cristã de Filipos se solidarizava com Paulo, contribuindo ativamente para o seu sustento. O texto em Fl 4,16 evidencia que, anteriormente, mais precisamente em Corinto e em Tessalônica, Paulo recebera das mãos dos filipenses a provisão necessária para atender às suas necessidades.

Causa-nos estranheza o modo com que Paulo recebe de bom grado a ajuda dos filipenses, uma vez que sempre havia se recusado aceitar ofertas das comunidades, preferindo trabalhar para obter seu próprio sustento (At 18,3; 1Cor 4,12; 1Ts 2,9). Parece-nos que havia uma relação próxima e afetuosa de Paulo com os cristãos de Filipos. Ele não somente aceita, mas valoriza a sua contribuição como sinal de partilha fraterna.

A ternura e a solidariedade são manifestas também em relação a Epafrodito, o qual foi enviado pelos filipenses para que atendesse às necessidades de Paulo, enquanto esteve preso, em Éfeso ou em Roma. Epafrodito, porém, caiu doente, e a comunida-

4. A família greco-romana incluía não apenas os membros imediatos da família, mas libertos, trabalhadores, empreiteiros, associados de negócio, entre outros. Cf. FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 210.

de ficou bastante preocupada. Paulo reenviou-o a Filipos, logo que se recuperou da doença, a fim de tranquilizá-los (Fl 2,25-28).

Evidenciamos que a casa de Lídia era um lugar de acolhimento e resistência. Lídia e suas companheiras aprenderam, no cotidiano, a solidarizarem-se com pessoas ameaçadas e que sofriam injustiça. É possível que Lídia tenha se tornado uma bem-sucedida mulher de negócios, por meio do seu trabalho árduo. Contudo, a sua participação efetiva no ministério, assim como a sua cooperação com o trabalho missionário parecem ser resultantes da sua experiência de vida. O sofrimento promove a oportunidade de se manifestar a solidariedade (Fl 1,29-30; 1,6b).

Na casa de Lídia as pessoas desprezadas e humilhadas eram dignificadas e passavam a exercitar a solidariedade e o encorajamento mútuo, para que juntos pudessem resistir às ameaças do Império Romano. Essa resistência se expressava na vida cotidiana, nas relações fraternas de participação igualitária.

Lembremos da solidariedade das mulheres junto a Jesus, durante o seu ministério, no momento da sua crucificação e, depois, junto ao sepulcro. Elas estavam presentes, seguindo e servindo ao Mestre (Mc 15,40-41). Elas estavam igualmente presentes na ressurreição (Mc 16,1). Elas foram igualmente perseguidas junto com outros discípulos quando foram identificadas com Jesus, após sua crucificação. Assim como as pessoas que seguiam Jesus, as mulheres de Filipos experimentaram o amor partidário, que promove a justiça e a vida.

Isto é confirmado pelo relato de At 16,15. O texto afirma que Lídia “persuadiu”, “constrangeu” Paulo e Silas para que se hospedassem em sua casa. O termo grego, *parabiázomai* ou *parabiasámen*, é geralmente usado em situações nas quais alguém constrange outro para fazer algo, na tentativa de protegê-lo de um perigo iminente. A palavra também é encontrada em Lc 24,29, quando os discípulos, que estavam a caminho de Emaús, persuadiram Jesus a pernoitar em sua casa, para protegê-lo dos perigos da noite, pois não haviam reconhecido o Mestre. Podemos concluir que Lídia estava tentando garantir proteção aos apóstolos, mediante as ameaças impostas pelo Império Romano para pessoas com tradição judaica.

É provável que a presença e a liderança de mulheres à frente dessa comunidade tenham suscitado uma sensibilidade maior em relação ao desenvolvimento da evangelização. Não é por acaso que a comunidade manteve com Paulo um relacionamento ímpar. Tanta sensibilidade e afeto para com Paulo podem ser resultantes do exercício solidário da comunidade que nasce sobre bases tão simples, sem se prender à hierarquia e poderes vigentes.

As mulheres estavam entre os mais distintos missionários e líderes do movimento cristão. Elas eram mestras, pregadoras, colaboravam com o ministério de Paulo. Igualmente exercitavam a *diakonia*, “ministério”. Igualdade consiste em partilha recíproca, em empatia, buscar não somente os próprios interesses, mas os do outro. “Nada fazendo por vanglória, mas com humildade, julgando cada um os outros como superiores” (Fl 2,3).

Os cristãos da igreja primitiva, unidos pelo batismo, se tornaram uma nova criação, para proclamar o evangelho do poder e da graça de Deus. Eles todos são iguais, todos são eleitos e santos, todos fazem parte da família de Deus, concretizada pela “casa”. Todos, sem exceção, homens e mulheres, livres e escravos, pobres e ricos, são irmãos e irmãs porque participam, igualmente, do Espírito de Deus.

O que une homens e mulheres da primeira comunidade cristã com pessoas cristãs, hoje, é a fé em Jesus Cristo, que reafirma a dádiva do amor de Deus e vai se concretizando na liberdade, na gratuidade, na solidariedade cotidiana, na dignidade com que pessoas outrora excluídas são incorporadas no seio da família cristã. Estes são os sinais do Reino de Deus, que consiste em ação. Reino de paz, alegria e justiça, no Espírito (Rm 14,17).

Bibliografia

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, 398 p. (Biblioteca de Estudos Bíblicos).

RICHTER REIMER, Ivoni. *Vida de Mulheres na Sociedade e na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1995, 102 p. (Coleção Mulher Ontem e Hoje).

_____. *Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005, 131 p. (Coleção Bíblia em comunidade. Série teologias bíblicas)

SCHOTTROFF, Luise. *Mulheres no Novo Testamento*. Exegese numa perspectiva feminista. São Paulo: Paulinas, 1995, 149 p. (Coleção Mulher ontem e hoje).

Célia Maria Patriarca Lisbôa
Rua Castorina Faria Lima, 418 F/302
Ilha do Governador
21931-574 Rio de Janeiro, RJ
celiapatriarca@gmail.com